

MENSAGENS IV

1995 - 2000

AS DEZ PALAVRAS DO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

© 2005 Cafh
Todos os direitos reservados

(TRADUÇÃO REVISADA EM 2011)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
1. CALAR E ESCUTAR	5
2. RECORDAR E COMPREENDER.....	8
3. SABER QUERER.....	12
4. OUSAR, JULGAR, ESQUECER	14
5. SABER QUERER E QUERER OUSAR	17
6. TRANSMUTAR	19

INTRODUÇÃO

A terceira Ensinança do curso *Desenvolvimento Espiritual* termina da seguinte maneira:

As palavras básicas para o Desenvolvimento Espiritual são as seguintes:

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| 1. <i>Calar</i> | 6. <i>Querer</i> |
| 2. <i>Escutar</i> | 7. <i>Ousar</i> |
| 3. <i>Recordar</i> | 8. <i>Julgar</i> |
| 4. <i>Compreender</i> | 9. <i>Esquecer</i> |
| 5. <i>Saber</i> | 10. <i>Transmutar</i> |

Podemos interpretar o fato de o texto do curso não fazer mais referências a estas palavras como que o seu significado seja o literal e que descrevam um processo linear de desenvolvimento.

Literalmente, cada uma dessas palavras significa algo claro a ser feito. Por exemplo, calar é não falar; escutar, prestar atenção; recordar, trazer algo à memória; etc.

Como desenvolvimento linear, a sucessão dessas palavras implicaria precedência de umas sobre as outras, sem retrocessos.

Nesse contexto devem-se distinguir dois aspectos do desenvolvimento linear. Em um sentido relativo, sim, há aspectos lineares. Em um sentido absoluto, os desenvolvimentos lineares não são observados no processo de nosso desenvolvimento.

No contexto das *dez palavras* e no entorno da conduta, existe uma precedência linear. É necessário que calemos, tanto o falar vocal como o mental, para poder escutar. Para compreender necessitamos recordar. Para querer, primeiro temos que saber nossas opções. Para ousar, necessitamos querer dentro do contexto conhecido e assim reconhecer os limites desse contexto. Só então podemos julgar com validade quando ousamos contemplar um contexto maior que o de nossos pontos de vista habituais. E para transmutar necessitamos virar a página pessoal de nossas recordações – esquecer seu caráter particular – e, assim, assimilá-los a um contexto mais universal.

É assim que, no entorno da conduta, as *dez palavras* configuram uma ascética que promove nosso desenvolvimento.

Mas uma ascética aplicada à conduta, se bem que necessária, não nos basta para ampliar nossa consciência além das concepções da cultura que define essa ascética. Podemos alcançar grande compostura sem por isso sair dos limites de nossos preconceitos e ideias feitas. Este encerramento mental costuma levar a sentir-nos seguros de que “estamos chegando” a nosso objetivo espiritual, sem dar-nos conta de que, por exemplo, o fato de *Ousar* tomar uma decisão não significa que tenhamos *Compreendido* a situação que motivou nossa decisão e que essa decisão seja sábia.

Se bem que o desenvolvimento da conduta possa ser linear em alguns aspectos, o da consciência não o é. Não deixamos nada para trás, tudo continua estando em nós enquanto ampliamos nosso estado de consciência.

O desenvolvimento espiritual não é linear; a evidência nos mostra que não por haver compreendido algo sobre nossa conduta, não voltaremos atrás e não agiremos como se não o tivéssemos compreendido.

Por essa razão, ao considerar as *dez palavras*, além de referi-las ao que fazemos, nós as estamos relacionando com a noção que temos de nós mesmos e de nosso entorno; isto é, nós as referimos a nosso estado de consciência.

No entorno da consciência, as *dez palavras* configuram uma mística que age diretamente em nossa noção de ser. É bom, então, que nos detenhamos na distinção entre a ideia de *dever ser* e a de *chegar a ser*.

Dever ser supõe a existência de um modelo de desenvolvimento que deveria ser alcançado baseado em uma idealização que, na realidade, geramos por extrapolação do que para nós pode ser a perfeição. A dificuldade deste enfoque é que nossa ideia do modelo último – ou da perfeição – sempre proviria de nossa consciência imperfeita, já que não estamos na meta do desenvolvimento, mas a caminho dela. E estamos, não somente nós individualmente, mas também estão nossas concepções e crenças, já que são produtos de nossa mentalidade atual.

É frequente que a ideia de *dever ser* de acordo com um modelo de perfeição idealizado impregne não somente nossa ascética mística, mas também nossa noção de ser e que isso abata nosso ânimo. Como *devemos ser* algo ideal, por mais que nos esforcemos sempre vemos uma distância intransponível entre o que somos e o ser ideal que *deveríamos* ser. Em vez de prestar atenção ao processo de ampliação de nosso contexto, visualizamos o que *devemos ser* em um marco ideal, fora dos limites de nosso ser. É inevitável, então, que vivamos com um sentimento de culpa que não podemos desarraigar e com a carga de não poder realizar o que mais ansiamos.

Por outro lado, se nosso modelo de perfeição é ideal, fechamos a possibilidade de desenvolvê-lo e, com isso, colocamos um obstáculo a nosso próprio desenvolvimento. Além disso, esta visão do *dever ser* costuma tornar-nos discriminadores, dogmáticos e intolerantes.

Sem dúvida, é indiscutível que necessitamos de modelos, se bem que não perfeitos em sentido absoluto, tão expansivos como possamos concebê-los a partir de nosso estado de consciência atual; esses modelos são os reais que, esses sim, podemos alcançar. Também é indiscutível que necessitamos uma moral para ordenar nossa conduta rumo a nosso objetivo. Mas, para adiantar-nos espiritualmente, necessitamos contextualizar nossos modelos e nossa moral dentro da linha do desenvolvimento de nosso estado de consciência.

Se acompanharmos a ascética de domínio sobre nossa conduta com uma mística de expansão de nossa consciência, internalizamos a ética e, paulatinamente, nossa conduta responde de forma espontânea ao sentido de participação e inclusão que desenvolvemos.

No contexto do desenvolvimento espiritual poderíamos dizer que nosso ser atual é um *chegar a ser*.

Não chegamos a ser como quem chega a um objetivo final, mas ao estágio que começamos a transitar no momento de olhar além de nós mesmos e de nossos interesses imediatos. Deste ponto de vista, desenvolver-nos é um contínuo *chegar a ser*, um processo de compreensão por inclusão, acompanhado da plenitude implícita em cada avanço que fazemos sobre o contexto que nos contém e nos define.

Por conseguinte, *chegar a ser* é, simplesmente, *ser agora*, no eterno presente.

Não nos é possível nem ser o que fomos nem ser o que ainda não somos. *Somos agora*. O quid do *ser agora* é o contexto de nosso agora. Quanto mais o contexto de nosso agora abarca, mais expandida é nossa consciência de ser.

Esta visão de nosso desenvolvimento engasta as *dez palavras* de tal maneira que todas elas estão não somente relacionadas, mas são inseparáveis. A primeira palavra está tão próxima da seguinte como das demais. Não podemos transmutar sem calar, e só quando calamos nossas ideias feitas podemos transmutar em consciência as ensinanças que a vida nos dá.

A aplicação das *dez palavras*, como ascética e como mística, a nosso empenho para desenvolver-nos, ajuda-nos a saber quem somos, como queremos viver, em que queremos devenir; dá-nos tanto um marco como uma linha de trabalho para alcançar nosso anseio.

Mesmo que ignorássemos esta linha de trabalho, eventualmente nos desenvolveríamos; bastaria que nos deixássemos levar na vida pela mão do tempo. Mas se nossa vocação é expandir plenamente nossa consciência, as *dez palavras* nos assinalam a intenção, a atitude, a conduta e o campo de trabalho – nosso estado de consciência – que nos orientam para esse fim de maneira mais expedita e com menos sofrimento.

1. CALAR E ESCUTAR

A obra dos membros de Cafh é desenvolver a Mística do Coração, transmitir a Mensagem da Renúncia e preparar o advento da Religião Universal.

Para realizar esta obra é indispensável fazer silêncio: calar e escutar.

Calar é fazer um silêncio mais completo do que deixar de falar e tratar de controlar os movimentos de nossa mente. Já estamos habituados a frear nossas palavras e a orientar o pensamento no curso que escolhemos. No entanto, se prestarmos atenção, descobrimos que por trás desse tipo de silêncio continuamos vertendo sempre um mesmo discurso, formado por nossa maneira de ver as coisas, por nossos desejos e expectativas.

Calar é descobrir esse discurso, expô-lo à luz e detê-lo.

Por mais nova que seja a ideia que se nos apresente, nós a filtramos através do conjunto de ideias prévias que relacionamos com ela. Este hábito inconsciente leva ao “já sei” e impede perceber o que está diante de nós, enquanto nos dá a falsa segurança de que entendemos aquilo, ainda que não consigamos percebê-lo tal como é.

Para desenvolver a Mística do Coração necessitamos reconhecer primeiro as ideias que temos acumulado sobre mística.

Cada crença tem sua própria versão da mística; se bem que para a maioria signifique um estado sobrenatural de união, cada uma entende à sua maneira com quem a alma se une na experiência mística e que tipo de estado é essa união.

É comum imaginar que uma realização mística dá a felicidade que não podemos encontrar neste mundo. Com esta ideia, a busca da mística facilmente pode implicar dar as costas à realidade que conhecemos e buscar estados emocionais que pouco têm a ver com o desenvolvimento de nosso estado de consciência.

Só fazendo silêncio – calando e escutando – podemos desatar de nós os preconceitos sobre a Mística do Coração.

Tudo o que existe – inclusive nós mesmos – é em relação. Isto implica uma interação total de tudo com tudo o que existe.

Percebamos ou não, interagimos com o que nem vemos nem conhecemos, com o que nos parece distante e alheio, com nossa casa, a Terra, com tudo o que existe sobre ela e, obviamente, com todos os seres humanos.

Não podemos relacionar-nos diretamente com o divino que não vemos nem conhecemos; só podemos fazê-lo indiretamente através do mundo e da vida que, essa sim, percebemos e na qual interagimos de forma deliberada e consciente.

A Mística do Coração nos conduz para a união com o divino desconhecido através da vida cotidiana. Não há maneira de unir-se ao divino se o separamos ou isolamos das únicas formas em que o divino se manifesta ante nós. E o que temos mais próximo dessa manifestação é o ser humano – cada um deles, os que vemos e conhecemos e os que nem vemos nem conhecemos.

Chegamos ao coração da Divina Mãe através do coração de cada ser humano.

Só fazendo silêncio – calando e escutando – podemos perceber cada ser humano como tal e, através dessa percepção, transcender rumo ao que ainda não conhecemos.

A Mística do Coração exige de nós comprometer-nos totalmente com nossa realidade óbvia e evidente: comprometer-nos com o que somos, com o mundo e os seres com que vivemos e com as possibilidades mais excelentes que podemos realizar para o bem e o adiantamento do mundo.

Com que outra realidade podemos comprometer-nos senão com esta vida que vivemos, e quem mais pode comprometer-se senão cada um de nós, tal como é? Por isso é fundamental fazer silêncio; não sendo assim, em vez de comprometer-nos com a realidade óbvia, nós nos ataríamos a uma ilusão forjada por nossas ideias feitas.

É tanto o que temos acumulado através de nossa história, de nossas crenças e de nossos sonhos bem intencionados sobre a vida espiritual que fica difícil para nós ver as coisas como se apresentam a nós, ainda que estejam diante de nós.

A vida nos dá continuamente sua ensinança; no entanto, para aceitá-la necessitamos deixar em suspenso o que pensamos sobre ela e sobre como somos. Isto implica necessariamente fazer silêncio: calar e escutar.

O calar e o escutar são também indispensáveis para transmitir a Mensagem da Renúncia.

A confiança que temos em nossa maneira de interpretar as coisas pode desnaturalizar as boas obras que pretendemos realizar. Sem dar-nos conta podemos transformar-nos em mais um caso dos que acreditam ter a solução dos males do mundo e que dão seu próprio discurso, alheio à realidade óbvia que sempre está ante seus olhos.

A maneira de transmitir a Mensagem da Renúncia é fazendo silêncio: calando e escutando para perceber a realidade do outro, sua necessidade e suas possibilidades, e assim responder de acordo com cada caso em particular.

Não confundamos a Mensagem da Renúncia com uma nova teoria sobre a vida e seus problemas. A Mensagem da Renúncia é a renúncia como mensagem: nossa própria renúncia. Só assim o que dissermos e fizermos pode impulsionar o desenvolvimento humano.

A solução dos males do mundo não vem de fora; não há solução mágica para condições que são próprias de nosso estado de consciência. A única maneira de transcender os males que sofremos é através de nosso próprio desenvolvimento: o adiantamento espiritual de cada um. Tudo o que fazemos expressa o que somos. Se desejamos um mundo melhor, a fórmula para alcançá-lo é fazer-nos melhores: desenvolver-nos sem cessar.

Façamos lugar em nós para a Religião Universal, fazendo-nos universais.

Aceitar intelectualmente uma visão ampla do mundo e da vida, que inclua descrições de ciclos de vida humana e cósmica, não afeta significativamente o próprio estado de consciência. Tampouco o afeta se mudamos a ideia de que vivemos somente uma vez neste mundo pela da reencarnação, ou se mudamos o nome dos seres sobrenaturais em que acreditamos, ou se aderimos à ideia dos diversos planos de existência, ou se acreditamos em uma série de afirmações em vez de acreditar em outras.

Tudo isso são diferentes enfoques da realidade e opiniões baseadas em crenças, que não implicam uma evolução significativa no próprio estado de consciência.

Explicar a realidade de um modo ou de outro, acreditar ou não nisto ou naquilo, por si só não nos faz nem mais amplos nem mais evoluídos.

É o grau de universalidade que alcançamos através da Mística do Coração encarnada na vida diária o que indica a qualidade de nosso estado de consciência.

O que significa alcançar universalidade?

Implica uma mudança qualitativa básica em nossa maneira de nos relacionarmos com tudo, começando com o que está ao nosso alcance: os pontos reais e contínuos de interação que temos com o universo: as pessoas com as quais nos relacionamos diariamente.

Na prática, é calar-nos para transformar a maneira como nos relacionamos com elas.

Na base de todas as nossas relações estão nossas ideias feitas sobre como são ou teriam que ser todas as coisas e os demais. Sobre essa base construímos nossas expectativas e, sobre estas, nossa maneira de agir e de reagir sobre os demais e de fazer julgamentos sobre eles.

É indispensável contar com um sistema de ideias para derivar dele nossas decisões e ações. Mas esse mesmo sistema de ideias, se o tomamos como inamovível, impede-nos de atualizar a visão que temos da realidade circundante.

Cada sistema de ideias é próprio de um estado de consciência. Nossa tendência inconsciente é aferrar-nos a nossa maneira de ver as coisas, sem dar-nos conta de que essa atitude vai contra a expansão de nosso estado de consciência.

Como fazer, então, para produzir nosso adiantamento?

Aprender, por um lado, a sustentar só “com alfinetes” nossas interpretações e dar lugar a uma atitude aberta e expectante ante as coisas e as pessoas para percebê-las tal como se apresentam a nós e não como pensamos que são.

O exercício simples e prático para conseguir isto é silenciar sistematicamente: calar e escutar. Este silêncio se pratica, particularmente, cada vez que nos encontramos com outra pessoa ou pensamos nela.

Para que seja possível a relação entre pessoas, é básico que cada uma não só possa manifestar-se tal como é, senão que cada uma perceba a outra tal como é.

As expectativas que temos acerca dos demais se desprendem de nossas ideias de como são, do que querem e do que podem, em vez de basear-se em como realmente são, o que querem e o que podem na verdade.

Somente quando deixamos de lado nosso conjunto de ideias feitas e calamos ante os demais, temos capacidade para escutá-los em suas mensagens verbais e também nas não verbais.

E só depois de escutar a mensagem dos demais estamos em condições de responder a eles, a suas necessidades e a suas possibilidades.

O mesmo silêncio que nos permite escutar os outros nos permite escutar a nós mesmos.

Assim como temos um conjunto de ideias sobre os demais – como são ou teriam que ser e comportar-se –, assim também temos um conjunto similar a respeito de nós mesmos.

Os padrões a que nos referimos para ajustar nosso juízo acerca de nós mesmos nos ajudam a ter uma conduta coerente. Mas também necessitamos reconhecer o espúrio e precário das ideias que temos a respeito de como somos para descobrir como realmente somos.

E só ao compreender como somos na verdade podemos relacionar-nos com os demais tal como eles são na verdade.

A universalização, então, baseia-se sobre o certo, o óbvio, e se nutre de nossa capacidade de relacionar-nos mantendo-nos conscientes da transitoriedade de nossas ideias sobre todas as coisas e sobre cada um dos demais. Só então tomamos contato com o Universo tal como se apresenta a nós, através dos pontos de interação permanente que temos com ele: os seres humanos como expressões únicas da Divina Mãe, a Terra que nos dá albergue, o firmamento que nos inspira.

Uma vez dado este passo – calar – podemos escutar e transmutar nossa percepção de modo que nos permita uma relação direta e, eventualmente, uma compreensão do mundo, da vida, dos demais e de nós mesmos.

A sociedade, as pessoas, as coisas, a Terra, a vida em geral, expressam-se continuamente: dão-nos sinais do que está acontecendo e do que possivelmente vá acontecer. Sempre temos antecipações do que vai acontecer – enfermidades, crises pessoais e sociais, explosões de violência e também sinais para regozijar-nos e sustentar nossos empenhos. Se calamos e escutamos, percebemos esses sinais sem

distorções; como não os rejeitamos com nossas ideias feitas, contamos com todo nosso potencial para responder a eles de maneira a traçar um futuro cada vez mais promissor.

Ao mesmo tempo, esses sinais nos mostram os efeitos de nossa presença na Terra e na sociedade; as consequências de nossa maneira de ser e de atuar, da maneira como perseguimos nossos objetivos; e os resultados que vamos deixando com nossa passagem pela vida. As respostas que geramos nos demais e em nosso meio são o espelho que nos revela como somos e o que estamos fazendo.

Fazer silêncio – calar e escutar – é a única maneira como podemos manter-nos conscientes do que estamos fazendo com nossa vida e com a dos demais, e nos indica para onde estamos indo.

Só o silêncio nos revela se estamos nos orientando para o objetivo escolhido e, dessa maneira, ensina-nos a corrigir continuamente nosso rumo. Essa é a única base segura sobre a qual podemos construir nosso destino, transitar o caminho da Mística do Coração.

2. RECORDAR E COMPREENDER

O desenvolvimento espiritual é um processo baseado na compreensão. Primeiro compreendemos, depois tomamos decisões e depois agimos. Não sendo assim agiríamos movidos por impulsos e reações, em detrimento de nosso desenvolvimento.

Compreender o que vivemos nos permite avaliar o que acontece conosco, distinguir nossas opções, estabelecer nossas prioridades e discernir as consequências de nossas determinações. Através deste processo podemos aplicar a vontade em esforços que promovem nosso adiantamento.

Compreender também é um processo que implica atender, recordar, incluir, entender e localizar tudo isto dentro de um contexto adequado.

Atender requer calar – para poder perceber – e escutar – para não deformar o que percebemos.

Estamos habituados a atender filtrando o que chega a nós para deixar passar só o que nos interessa ou nos convém. Seleccionamos arbitrariamente da mensagem completa da vida para ficar com migalhas de informação. É certo que nossa atenção tem limites, mas raramente os conhecemos. Quando atendemos, reduzimos ao extremo nossa mira, enquanto nosso discurso interno luta por ocultar as evidências que nos rodeiam.

Ao atender desenvolvemos nosso interesse, nosso amor pelos que nos rodeiam e por tudo o que nos rodeia. Ao atender, tudo o que acontece, acontece conosco e nos ensina.

Por outro lado, se queremos entender o que acontece e o que nos acontece, necessitamos atender sem deixar que nossos estados de ânimo e preconceitos desfigurem o que estamos considerando. Especialmente, temos que calar nossa tendência de justificar-nos e de criticar.

Para obter proveito de nossa relação com os demais, em vez de ver como ataques os atritos ou dificuldades que possamos ter com eles, vamos ao seu encontro com a atitude de atender e aprender sobre aspectos nossos que não conhecemos ou não aceitamos.

Nossa atenção evidencia em que grau amamos nosso ideal de liberação interior e de conhecimento de nós mesmos, e em que medida aprendemos de nossas experiências, da vida.

Recordar implica registrar e validar o que percebemos.

Tudo o que nos acontece permanece em nossa memória; mas não tiramos proveito disso se não nos lembramos. Recordamos especialmente aquilo a que damos relevância, e não nos lembramos dos acontecimentos que não nos interessaram ou que não queremos recordar. Mas é certo que estamos envolvidos em tudo o que aconteceu.

No entanto, se recordamos o passado, mas não nos incluímos nesse passado, reduzimos o que foi vivido a uma sucessão de incidentes e relatos sem conteúdo, sem ensinança, alheios ao que consideramos nossa vida.

Além de atender e recordar, para compreender é necessário que nos incluamos em tudo o que acontece.

Incluir implica comprometer-se. Através da atenção e da lembrança incorporamos mais e mais realidade no que percebemos e, ao incluir-nos em nossa percepção, comprometemo-nos com o que conhecemos. Tanto nós como o que consideramos, pertencemos ao mesmo contexto. Precisamos incluir-nos de forma deliberada e consciente no contexto para que nossas percepções não se afastem da realidade. Subtrair-nos ao que acontece, olhar de fora, transforma-nos em estrangeiros dentro de nossa própria realidade. Ao incluir-nos no que percebemos, nós nos vemos como participantes, tanto do que nos toca de perto como de tudo o que acontece.

Atender, recordar e incluir são elementos-chave da compreensão, mas não são suficientes para alcançá-la. Também é necessário entender.

Entender é discernir acerca do que percebemos. Nossa atenção nos permite armazenar grande número de dados; nossa memória, recordá-los; nossa atitude inclusiva, fazê-los nossos; no entanto, tudo isto não é suficiente para que possamos usar com proveito esse material. Precisamos avaliar a informação que os fatos nos dão. Mas, sobre que base fazemos essa avaliação? Precisamos referi-la a um contexto.

Se bem que entendamos uma situação quando nos inteiramos do que aconteceu, onde e como, só a compreendemos quando a referimos a um contexto mais amplo do que o determinado somente por esses dados.

Sempre somos dentro de um contexto maior do que o que temos em mente ainda que às vezes, por estar ensimesmados, não o reconhecamos. Escolhemos nosso contexto com nossa intenção, nosso interesse e nossos objetivos. A amplitude do contexto dá o grau de nossa compreensão.

Para compreender a informação que avaliamos, contamos com quatro contextos principais: o contexto individual, o de nosso meio imediato, o do meio humano e o grande contexto da totalidade da realidade.

A consideração do contexto individual dá as bases de nossa maneira de entender a nós mesmos e de discernir o que nos acontece. A de nosso meio imediato nos dá os elementos para compreender e resolver nossas situações cotidianas, ter uma apreciação mais objetiva de nós mesmos e adaptar-nos a nossa cultura. A consideração do contexto humano nos serve de referência para distinguir a posição de nossa cultura particular na história e no tempo atual, e a importância relativa do que nos acontece; também nos mostra a necessidade indiscutível de participar. A consideração do grande contexto da totalidade dá sentido transcendente a nossa vida.

O contexto individual: o ser humano como indivíduo

Cada experiência pertence ao contexto de toda nossa vida. Quando a isolamos, nós a transformamos em apenas um relato; se, em troca, nós a relacionamos com nosso passado e a vemos dentro de um marco que inclui nosso futuro, inferimos suas consequências e estamos em melhores condições para compreendê-la.

Não podemos compreender uma experiência atual sem referi-la ao nosso passado individual e ao nosso futuro. Nada nos acontece por acaso, sem causas geradas antes, em grande medida por nós mesmos. O futuro não é totalmente imprevisível. Assim como podemos compreender como fomos determinando, com nossa conduta e decisões, a situação que estamos vivendo agora, assim também podemos inferir o que nos espera se continuamos com a mesma conduta e decidindo com o mesmo critério, e qual poderia ser a nossa situação futura se os mudássemos. O olhar interior, então, não só deve buscar clareza na visão dos movimentos de nossa mente e de nossa sensibilidade atuais, senão

que, especialmente, deve perceber, discernir e interpretar os condicionamentos do passado, e distinguir o futuro que podemos construir com liberdade a partir de onde nos encontramos agora.

Nossa capacidade para perceber e interpretar a nós mesmos depende da credibilidade que tenhamos ante nós mesmos. Esta depende de nossa disposição a não negar aspectos conflituosos de nossa realidade, para não nos enganarmos com justificações que nos fazem sentir mal com nós mesmos.

Nosso contexto individual nos mostra nossas possibilidades e nossas debilidades; permite-nos dirigir nossa vida em busca dos objetivos que queremos conseguir. Mas se ficamos somente neste contexto, reduzimos nossa realidade a um marco meramente individual. Ao encerrar-nos no que acreditamos que é nosso mundo, exageramos a importância que damos a nós mesmos e ao que acontece conosco. Sem dar-nos conta, vamos nos desconectando do que nos circunda e pode chegar o momento em que seja muito difícil que algo ou alguém possa penetrar as barreiras com que nos cercamos. Ao mesmo tempo, vamos perdendo a capacidade de perceber o que acreditamos que não nos concerne. A compreensão que acreditamos ter de nós mesmos e do mundo se reduz a um sonho subjetivo. Nossas possibilidades de desenvolvimento se esgotam rapidamente se não transcendemos os limites com que nos definimos como indivíduos.

O meio imediato: o indivíduo em sua cultura

Referimo-nos a este contexto avaliando nossas possibilidades, nossos conflitos e trabalhos em relação com as pessoas e o ambiente em que vivemos. O que podemos considerar como lucro ou triunfo com relação a nós mesmos pode ser uma perda ou um fracasso com relação aos que nos rodeiam.

A consequência de considerar-nos no contexto de nossa cultura é harmonia em nosso sistema de relações dentro dela. Este contexto nos dá uma visão mais objetiva da realidade do que a que nosso contexto individual nos dá, porque nos mostra que estamos envolvidos em uma cultura e em um sistema de relações que nos transcende. Isto nos faz solidários com a família e com o grupo social ou étnico com que nos identificamos.

No entanto, ao considerar-nos em nosso contexto cultural, temos que levar em conta o condicionamento produzido pelo fato de termos sido formados nele. Inclusive o olhar introspectivo que a reflexão e a meditação supõem, está sempre comprometido com o meio e o tempo aos quais esse olhar pertence.

O entendimento que o ser humano tem de si mesmo e do mundo varia de lugar para lugar e de geração para geração. Como estabelecer qual é o mais acertado? Por certo que nosso entendimento parece ser o mais completo, mas é evidente que não é nem único nem definitivo. Se cristalizarmos nossa interpretação do mundo e da vida no que aprendemos num dado momento de um meio restrito, geramos dogmatismo e separatividade, males que causam a maioria dos problemas humanos. Ao encerrar-nos em nossa cultura e negar o contexto maior a que pertencemos, desvirtuamos nossa compreensão.

Para aprofundar nossa compreensão temos que dar a nosso contexto um tempo mais amplo que o de nossa circunstância individual e cultural, e um espaço que localize essa circunstância no marco da condição humana. Temos que recordar que a realidade transcende nossa circunstância e nosso meio. Por mais que tentemos limitar-nos dentro destes, cedo ou tarde nossa percepção nos mostra horizontes mais amplos. O mais cedo ou mais tarde indica o nível de sofrimento ou de felicidade que podemos gerar.

O meio humano: a humanidade como corpo místico

Referimo-nos a este contexto escolhendo nossos objetivos com um ponto de vista que abarca toda a humanidade. Isto nos move à abnegação: pôr nossa vontade, nossos afetos e interesses a serviço de todos os seres humanos.

Assim como não existimos isolados e separados, tampouco podemos parcializar o amor. É certo que os sentimentos podem ser orientados para uma ou outra pessoa, mas o amor mesmo não se divide. Amor real é amor por todos e por cada um, pela criação e por todas as suas manifestações.

Ao avaliar nossa situação, nossas possibilidades, nossas dificuldades e nossas conquistas dentro do contexto humano, liberamos de egoísmo nossas decisões e escolhas. Participamos assim com os seres humanos e geramos harmonia no mundo.

Transcender o egoísmo, o dogmatismo e a separatividade significa um adiantamento imenso em nossa maneira de relacionar-nos com o mundo e com a vida, mas ainda não é suficiente para que possamos compreender nossa condição humana.

Assim como o olhar subjetivo que temos no contexto individual não nos basta para compreender nossa situação no meio social e humano, se olhamos a humanidade somente dentro de seu próprio contexto – um olhar também subjetivo – não conseguimos compreender sua condição no contexto maior em que ele existe.

Não podemos manter-nos alheios ao fato de que o meio humano é menos do que um pontinho na imensidade de nossa realidade: o contexto do universo.

A totalidade da realidade: o universo

Se bem que a totalidade do universo transpasse os limites de nossa percepção e entendimento atuais, é a realidade que nos contém. Não é pelo fato de não podermos abarcá-la que vamos desprezá-la: é nosso meio.

Quando discernimos nossa vocação à luz do contexto universal, damos-lhe sentido transcendente. Localizamo-nos na imensidão da vida, assentamo-nos na consciência que temos desse contexto que nos penetra e sustém.

Ao ter um ponto de vista que abarca esse grande contexto, definimos nossa medida no espaço e no tempo e estabelecemos uma relação harmônica entre nós – limitados e temporários – e o infinito e eterno.

Nossa percepção não nos é suficiente para cobrir a totalidade do tempo e do espaço e, menos ainda, para chegar ao princípio que os origina, o divino. Por isso nossa fé não se apoia em crenças nem em descrições do que não podemos compreender, mas na evidência de participar de uma totalidade que o divino expressa para nós. Sintetizamos nossa fé em nossa relação com a Divina Mãe, princípio e fim do universo.

O processo da compreensão vai ampliando continuamente o contexto a que nos referimos. Cada ampliação desse contexto reordena nossas prioridades e nos faz reavaliar nossas compreensões. Este é o processo de nosso desenvolvimento.

Para que este processo aconteça:

Mantemos válidos nosso calar e escutar.

Mantemos válida nossa atenção reconhecendo e assimilando a ensinança do presente e superando nossas negações e justificações.

Mantemos válido nosso passado compreendendo as ensinanças que recebemos de cada experiência.

Mantemos válido nosso compromisso vivendo de forma conseqüente com nossa vocação espiritual e com tudo o que ela implica.

Mantemos válidos os contextos que compõem nossa realidade tendo presente em nossa mente e em nosso coração nossa condição humana e nosso destino eterno. Isto integra harmonicamente os diferentes contextos e nos proporciona uma perspectiva que dá validade tanto ao contexto limitado, imediato, como ao infinito e eterno. Assemelha o contexto subjetivo que mantemos ativo em nossa

mente ao contexto real que define nossa existência. Assim ganhamos saúde e harmonia como indivíduos, desenvolvemo-nos espiritualmente e geramos um mundo mais justo e mais participante.

Somente quando compreendemos o contexto universal em que vivemos e compreendemos a nós mesmos nesse contexto, podemos discernir a obra interior que podemos fazer a partir nós mesmos e a obra exterior que responde a nossas possibilidades, para nosso próprio bem e o de todos os seres humanos.

Uma vez que tenhamos alcançado esse discernimento, fica em nossas mãos a decisão de viver de acordo com o que compreendemos.

3. SABER QUERER

O processo da compreensão começa por calar, escutar e recordar; assim aprendemos. Ao incluir-nos no que aprendemos, desenvolvemos nosso sentido de participação, o que amplia o contexto a que nos referimos. Desta maneira, gradualmente universalizamos nossa visão do mundo e de nós mesmos; isto é, compreendemos.

Mas nossas compreensões nem sempre se mantêm vigentes em nossa mente. Novos interesses e situações atraem nossa atenção; o jogo da mente e do coração segue seu curso e muitas vezes apaga os rastros do que uma vez compreendemos.

Tanto o conhecimento como a emoção são cambiantes e dão essa característica a nossas compreensões, tornando-as impermanentes.

Nossas compreensões são impermanentes, não só porque continuamente novos conhecimentos nos obrigam a rever o que acreditávamos compreender, o que é positivo, mas também porque são afetadas por nossos estados de ânimo e deslocadas por impulsos, paixões e desejos que dão rédeas largas ao afã de nos gratificarmos, sem que reparemos muito nem no que compreendemos nem nas consequências dessa maneira de proceder.

Se não nos damos conta dessas limitações da compreensão, podemos chegar a pensar que conquistamos o que compreendemos; mas não é assim, uma vez que para que haja realização é necessário implementar em nossa vida o que compreendemos.

Cada compreensão exige uma resposta operativa; o que compreendemos martela em nossa consciência perguntando-nos o que vamos fazer agora que compreendemos. Mas nem sempre damos uma resposta que promova o nosso desenvolvimento.

Se calamos nossa compreensão, se não queremos envolver-nos nela e continuamos procedendo como se não tivéssemos compreendido, dissociamos nossa vida mental e emocional de nossos atos e, eventualmente, negamos na prática a compreensão que tivemos.

Se ao compreender nos enamoramos de nossa agudeza intelectual ou de nossa sensibilidade e tudo fica nisso, confundimos nossa vida espiritual com uma gratificação pessoal.

Estas formas de responder a nossas compreensões se traduzem numa conduta imprudente.

Uma conduta que não se baseie na reflexão sobre o que compreendemos, que seja escrava dos estados de ânimo e dos impulsos e que, portanto, não seja coerente com nossas compreensões nem corresponda a nosso objetivo vocacional, é imprudente.

Se ao compreender abraçamos nossa compreensão e, por amor à liberdade, assumimos o compromisso que significa conhecer mais, promovemos nosso desenvolvimento.

Esta forma de responder à compreensão nos faz submeter nossa forma de atuar ao que compreendemos e a nosso objetivo vocacional; desta maneira, expressamo-nos de acordo com uma conduta prudente.

A conduta é prudente quando é discernida, coerente e conseqüente com nossa compreensão, com a vocação que nos guia e com os valores que esta implica.

A conduta prudente se nutre da reflexão e do autocontrole.

A reflexão nos ensina as mudanças que temos que fazer em nossa conduta para que corresponda ao que vamos compreendendo.

O autocontrole nos permite dominar nossos pensamentos e nossos impulsos para poder agir de acordo com o que discernimos.

Ao sistematizar as respostas que damos a nossas compreensões e fazer da conduta prudente um hábito, transformamos a compreensão em saber. Somente então podemos dizer que sabemos. É por isso que, no contexto do desenvolvimento espiritual, compreender não é o mesmo que saber.

A ação de compreender é temporária. O saber, em troca, é um aspecto de nosso estado de consciência; nossas ações conseqüentes se fazem hábito, e esses hábitos se transformam em nossa maneira de ser: a forma como expressamos operativamente nosso estado de consciência. Já não necessitamos fazer um esforço para proceder como nossa compreensão nos dita.

Nosso saber se manifesta em nossa forma de ser e de atuar; não depende tanto de nossa memória mecânica para recordar o que aprendemos como de nossa memória feita conduta. Esse saber nos libera da tendência a repetir inutilmente condutas e experiências cujos resultados negativos já conhecemos, ou cujas conseqüências podemos antecipar porque, devido a nosso saber, são evidentes para nós as forças que nos movem: desejos, paixões, impulsos, ou o genuíno querer cumprir nosso destino e realizar nossa vocação. O bom senso, a prudência, a aceitação, a fortaleza diante da adversidade, por exemplo, são aspectos de nosso saber.

Nossa realidade atual corresponde ao que compreendemos ontem. Através de nossa conduta, transformamos esta compreensão em nosso saber de hoje. Nosso esforço de hoje, aplicado numa conduta conseqüente, leva-nos a transformar em saber o que compreendemos agora. Cada nova compreensão abre um campo potencial de realização e nos mostra um horizonte que se vai deslocando à medida que, com nossa conduta conseqüente, percorremos o caminho que nos leva até ele. Esse novo campo potencial representa, em cada momento, nossa possibilidade real de expandir nosso saber. Compreender isto e fazer o esforço de responder de forma positiva e sistemática a esse desafio é abrir as comportas da força de nossa alma e concretizar essa força em querer.

Há várias formas de querer, mas só uma expressa a força e a sabedoria da alma.

Conhecemos um querer que é um "quisera": a fantasia de que se produza aquilo para o que não fazemos nenhum esforço em conseguir. Este querer não conduz a nada, mas serve de pretexto para o descontentamento e a frustração.

Conhecemos um querer biológico: a força do instinto de conservação que nos impulsiona a sobreviver a qualquer custo.

Conhecemos o querer produzido por paixões como o ódio, a inveja, o ciúme, a cobiça, a luxúria, a ambição: a força do desejo que nos impulsiona a satisfazer essas paixões.

Conhecemos o querer que nasce na consciência de que, em cada instante, nossa capacidade de compreender as experiências nos abre um novo campo de possibilidades que necessitamos atualizar para saber e assim poder realizar nosso ideal. Há uma diferença substancial entre este querer e os querereres.

Os querereres nos arrastam com a força do instinto e da paixão, e nos levam a uma vida de confusão e de dor. Em troca, o querer que responde a nossa consciência é uma força que geramos com nossa

compreensão e com a aplicação de nossa vontade para realizar de forma efetiva o potencial que essa compreensão nos revela. Esta é a força de nossa alma e nossa fonte de sabedoria.

O querer assentado no saber é nossa forma de expressar nosso amor à Divina Mãe e à senda que nos leva rumo à União Substancial com Ela.

4. OUSAR, JULGAR, ESQUECER

Procurar proceder bem e levar uma vida virtuosa evidencia que desejamos realizar nossa vocação. No entanto, isto não nos assegura que terminemos com o autoengano de crer-nos o centro de tudo nem que deixemos de voltar repetidamente sobre nossos próprios problemas, sem poder superá-los. Manter-nos em nosso caminho de desenvolvimento espiritual exige muito mais.

A transcendência que damos a nós mesmos e a importância desmesurada que conferimos a nossas dificuldades nos mostra que o que mais nos importa é o que acontece conosco, e este egoísmo é uma força contrária à de nossa vocação.

Embora algumas vezes adotemos uma concepção mais ampla do que a que tínhamos, tendemos a aferrar-nos a ela resistindo a que continue evoluindo. A rigidez com que sustentamos nossas opiniões e o hábito de pretender impor nossa vontade sobre os demais nos fazem tão dogmáticos como quando tínhamos uma interpretação mais estreita da realidade.

Se bem que superficialmente estas atitudes nos deem uma sensação de segurança, na realidade são as que, sem que nos demos conta, fazem-nos sentir que estamos estancados, que no fundo não mudamos muito, que nosso desenvolvimento pende de um fio muito fino; sentimos que, se a vontade nos falhasse e afrouxássemos o esforço para controlar-nos, nosso egoísmo prevaleceria, daríamos rédeas largas a nossos impulsos e desejos e perderíamos num instante a amplitude mental e o grau de amor que pudéssemos ter alcançado.

Junto ao bom querer que nos anima quando somos conscientes de nossa vocação persistem outros querereres que lutam por predominar. O desejo de prevalecer, a resistência a esforçar-nos, a tendência a claudicar diante de impulsos que nos prejudicam, solapam nossa vontade e põem à prova nossa perseverança.

Esta luta entre querereres produz um desejo quase desesperado de segurança. Queremos ter a segurança de que não perderemos nada de forma definitiva, de que em algum momento vamos poder dar-nos os gostos dos quais agora nos privamos; segurança de que, ainda que tenhamos renunciado a algo, poderemos recuperá-lo se mudarmos de ideia. Queremos a segurança de crer que temos privilégios sobre os demais; que embora a perda de bens materiais, a enfermidade, a velhice e a morte aconteçam a outros, seria injusto que acontecessem conosco, pelo menos não agora, não ainda. Especialmente, aferramo-nos à segurança que nos dá crer que sempre estivemos e estamos certos, como se essa ilusão nos permitisse recriar uma história já morta e defender-nos das evidências que põem a descoberto nossas falhas. Pensar o contrário nos aterroriza tanto que não percebemos nosso medo.

Nosso problema é que buscamos segurança onde nunca a iremos encontrar, fugindo de um medo que se agiganta nessa fuga. Porque é impossível escapar da incerteza própria da vida.

A segurança que buscamos, inalcançável por ser ilusória, consome nossa força interior e nos faz espiritualmente débeis. Aquilo que aparentemente nos dá segurança – a ideia de que podemos possuir algo para sempre e de que estamos certos – é, ao mesmo tempo, a fonte de nosso medo e de nosso infortúnio.

A ânsia de segurança também nos faz pensar que nosso esforço para agir bem deve nos garantir um futuro sem sofrimento, e isso nos leva a praticar a virtude. Neste sentido, a prática das virtudes

equivale a uma troca: damos algo para receber algo; o sacrifício é o preço que pagamos para obter o prêmio do favor divino. Ainda que não reconheçamos essa atitude interesseira quando praticamos nossa ascética, nós a evidenciamos ao esperar algo dela. Fazemos a conta de nossas renúncias, enumeramos os sacrifícios que fizemos e nos lamentamos se não recebemos o que acreditamos merecer, quer seja dos outros, da vida ou de Deus. Não vemos a contradição entre acreditar que renunciamos e lamentar-nos por não sermos recompensados. Quando não encontramos os frutos que esperamos de nossas renúncias, chegamos a perguntar-nos para que renunciar, por que sacrificar-nos e desprender-nos do que temos se não obtemos algo por isso.

O que acontece conosco é que chegamos ao limite a que pode nos conduzir a ascética de autoafirmação sustentada pela ética de nossas crenças. Esta ascética não tem a força necessária para impulsionar-nos a superar o medo que não nos permite renunciar a nós mesmos, e assim transpor esse limite.

O medo marca os limites de nosso desenvolvimento. A ânsia de segurança não teria poder para vencer nosso bom querer se a víssemos tal qual é: um engano com o qual tratamos de alimentar a fantasia de querer um mundo sem incertezas e com leis que obedeçam a nosso arbítrio.

Temos que reconhecer nosso medo, olhar de frente nossa busca de uma segurança ilusória, dissipar a quimera de pretender que a vida responda a nossos desejos. Em síntese, temos que aprender a enfrentar a lei da vida: ousar viver sem apoios e renunciar.

Não obstante, necessitamos usar certos apoios.

Necessitamos princípios que guiem nossa conduta, postulados para formular uma teoria que nos dê uma visão inteligível da vida. Esses apoios são referências que vamos aprofundando ao compasso de nosso desenvolvimento interior e do avanço de nosso conhecimento. Mas nem mesmo o apoio doutrinário pode nos dar a segurança de que estamos certos, já que, por um lado, nossas compreensões são incompletas e, por outro, para que uma doutrina não se reduza à letra morta de uma circunstância já inexistente, deve evoluir e responder às novas possibilidades do desenvolvimento humano. O devenir nos obriga a usar e deixar, a dar um passo para compreender e, baseados nessa compreensão, seguir adiante, deixar para trás os rastros e alcançar uma compreensão mais ampla.

Também necessitamos, para nosso adiantamento ético e o da sociedade, assentar nossa conduta sobre a prática da virtude, não mais como uma troca para receber recompensa, mas como parâmetro para atuar retamente.

Viver sem apoios é saber que apoios usar, quando usá-los, como usá-los e quando deixá-los. E, sobretudo, é não esquecer que não são mais do que apoios. Pensar e sentir desta maneira nos dá a ousadia de renunciar sem condições, de forma total e definitiva, sem nenhuma reserva, sem olhar para trás.

Renunciar sem condições é renunciar a nós mesmos. Isto produz uma mudança qualitativa em nosso desenvolvimento. O fruto desta renúncia é, simplesmente, liberdade interior.

Estamos habituados a exercer liberdade para fazer ou conseguir o que desejamos e até mesmo lutamos por ela. Mas não é esta a liberdade a que estamos nos referindo.

A liberdade interior se expressa especialmente em um juízo equânime.

Conhecemos vários tipos de juízos: os que partem do instinto de conservação, os que resultam de nossas reações emocionais, os originados em nossos gostos e rejeições, os baseados em nossos hábitos, os que se desprendem dos valores que nossa cultura nos transmite.

Estamos condicionados para julgar – de forma inconsciente e automática – como bom o que promove a sobrevivência de nossa espécie e como mau o que vai contra ela. Isto nos leva a evitar situações perigosas para nossa vida e a esquivar-nos do que alguma vez nos prejudicou. Mas também estamos condicionados para responder a impulsos – como os que fazem preponderar o mais forte e o de

reproduzir-se a qualquer custo – que, embora possam ser julgados como bons para as espécies em geral, nem sempre são bons para o adiantamento humano.

Estímulos fortes nos fazem reagir emocionalmente e julgar de imediato o que produz nossa reação. Chamamos de bom o que nos excita com prazer e de mau aquilo que nos produz repulsa. Chamamos de belas ou agradáveis as coisas que nos comprazem e de feias ou desagradáveis as que nos desgostam.

Julgamos também como bom o que concorda com nossos hábitos. Por exemplo, os de comportamento, aparência e gostos particulares de nossa etnia, nosso meio e nosso tempo. Formulamos de forma instantânea e automática juízos negativos sobre o que não se ajusta a esse padrão.

Em síntese, os valores que recebemos e nossas próprias referências nos dizem o que teríamos que considerar bom ou mau, belo ou feio, atraente ou repulso e julgamos de acordo com eles de forma automática.

Na verdade, quando agimos sob estes condicionamentos estamos julgando sobre bases subjetivas. E, o que é mais sério, estamos atribuindo a nossas apreciações circunstanciais uma qualidade ou um valor definitivo. Com isto pressupomos que o que é bom ou mau, belo ou feio, certo ou errado para nós, necessariamente deve sê-lo para os outros, e que essa qualificação é absoluta e permanente. Esta confusão nos faz esquecer a diferença entre o juízo baseado numa opinião e o juízo equânime.

O juízo baseado numa opinião expressa o valor relativo que damos a uma coisa a respeito de outra e é necessariamente temporário; circunscreve-se a um contexto e está sujeito à contraposição de outras opiniões.

O juízo equânime pressupõe a consciência de nossa incerteza básica e nos leva a tomar distância a respeito de nossa maneira de sentir e de pensar. Assim podemos discernir o temporário do permanente, o provável do possível, o particular do geral, os fatos das opiniões, as evidências das crenças, os juízos de opinião dos juízos equânimes.

Para julgar com equanimidade também temos que levar em conta o grande peso que tem sobre nosso juízo atual o juízo que fazemos de nosso passado.

Não nos é fácil ver com clareza nosso passado. Muitas experiências que recordamos nos chegam acompanhadas de uma grande carga emocional e do juízo que naquele momento fizemos delas. Isto faz com que, em muitos casos, nossas recordações sejam coisa julgada e que geremos sentimentos negativos que enraizamos profundamente em nosso interior. É assim que o desgosto ou a dor de um momento se transforma em rancor e ressentimento; o erro, em sentimento de fracasso; uma má escolha, na convicção de não ter mais oportunidades; uma carência, numa ferida que nunca se fecha.

Esta fixação nos ata ao passado subjetivo que fomos construindo e nos impede de compreender as limitações, nossas e as de outros, aceitar e perdoar, apagar de nossa memória o registro dos agravos recebidos. Em outras palavras, impede-nos de continuar crescendo interiormente e de viver com liberdade *hoje*.

Aprendemos de nosso passado quando discernimos os fatos da carga emocional com a qual os gravamos em nossa memória.

Chamamos de "desapego do passado" a capacidade de produzir este discernimento entre nosso passado e o juízo que fizemos sobre ele. Isto nos permite experimentar um desenvolvimento correlativo com nossa idade e julgar uma mesma experiência de maneira diferente na infância, na adolescência e na idade madura. Mais saber se expressa em mais equanimidade.

Ao desapegar-nos do passado deixamos de computar o conjunto de historietas de nossa vida, de somar nossos sacrifícios, de medir os esforços feitos, de sentir-nos credores da vida. Assim acabamos com nossa autocompaixão e com ela terminam nossos ressentimentos, nossos rancores e, também, nossos medos. Isto nos permite, por um lado, associar os fatos de nossa vida com suas causas e suas

consequências reais; por outro, ver com imparcialidade e lucidez nossas reações diante dos fatos e os efeitos dessas reações em nossa conduta, nossas relações e nossas decisões atuais.

Desapegar-nos do passado é esquecer sem perder a memória: ter um juízo equânime do ocorrido. Tiramos o selo subjetivo com que interpretamos nosso passado e o incorporamos ao grande contínuo da experiência humana. Recuperamos assim nossa verdadeira história.

Ao esquecer os juízos que fizemos sobre nós mesmos, somos livres para viver como escolhamos viver. Ao esquecer os juízos que fizemos sobre os demais respeitamos sua liberdade de ser como eles querem ser. Desta maneira, promovemos a harmonia e a paz em nós e nos demais.

No juízo equânime e no esquecimento consequente de nosso passado reside nossa força e nossa visão. Cobrimos com um manto de esquecimento as circunstâncias particulares que experimentamos e mantemos em nossa memória as lições aprendidas. Isto nos permite viver cada dia como novo, aumentando sem cessar nossa capacidade e nosso saber.

A liberdade interior que conseguimos pela renúncia a nós mesmos nos dá flexibilidade mental e capacidade para encontrar novos significados no que consideramos sabido; para aplicar de forma criativa a energia contida em nosso passado, gerando novas vias de desenvolvimento; para transformar nosso conhecimento em sabedoria e transmutar nossas experiências em consciência.

Seria impossível unir nossa consciência presa a uma história pessoal, a medos e hábitos alienantes, a ideias ancoradas no passado, com a consciência cósmica infinita e eterna. Só a renúncia a nós mesmos nos abre o caminho para a eternidade, pois a liberdade interior que ela gera transmuta debilidade e medo em fortaleza intrínseca e uma personalidade contingente em verdadeira individualidade.

5. SABER QUERER E QUERER OUSAR

Dez são as palavras básicas que descrevem o desenvolvimento espiritual:

Calar, Escutar, Recordar, Compreender, Saber

Querer, Ousar

Julgar, Esquecer e Transmutar

Por um lado, cada uma destas palavras representa em si mesma um objetivo; a realização de cada um desses objetivos é uma conquista espiritual certa e contundente. Por outro, estas palavras mostram, em seu conjunto, uma sequência no processo do desenvolvimento humano.

Além disso, talvez tão importante como o que implica cada palavra em si mesma ou a sequência de todas elas, é a passagem do *Querer* ao *Ousar*. Esta assinala um momento crucial do desenvolvimento, no qual nos sobrepomos a nossa tendência a nos estruturarmos no adquirido e ousamos abrir-nos rumo à conquista de novos âmbitos de experiência. Este ponto de inflexão divide a sequência em duas vertentes. A primeira, de *Calar* até *Querer*, expressa o mundo que já conhecemos e compreendemos. A segunda, de *Ousar* até *Transmutar*, expressa o desconhecido, o desafio de transmutar a experiência feita numa expansão de nosso estado de consciência.

A primeira vertente – o *Calar, Escutar, Recordar, Compreender, Saber e Querer* – é o âmbito dos valores sobre os quais apoiamos nossa cultura e no qual tiramos proveito da experiência humana gerada através da história. *Saber Querer* nos assiste no esforço de abrir caminho rumo a um mundo melhor que reflita esses valores, aplicando a vontade para consolidar o que já sabemos.

Nossa tendência a estruturar-nos no que já sabemos – o que aprendemos do contexto no qual nos movemos – faz-nos pensar que *Saber Querer* é suficiente para manter nosso desenvolvimento e nos leva a aplicar nossa vontade para fortalecer o estado de consciência que alcançamos.

Além disso, como habitualmente associamos a vida espiritual com crer nisto ou naquilo acerca do que não sabemos, e repetimos para nós mesmos que o que acreditamos é a verdade, tendemos a confundir isso em que cremos com a verdade. Por um lado, isto nos dá segurança; mas, por outro, mantém-nos sempre dentro de um mesmo estado de consciência, cegos ante a evidência de nossa ignorância e incerteza. Esta cegueira nos faz imaginar que o processo de concretizar o que já sabemos e reforçar com isso nossas crenças é uma transmutação espiritual quando, na realidade, é consolidar a tal ponto um mesmo estado de consciência que este se transforma num cárcere.

Esta situação nos impede de reconhecer que *Querer* só no âmbito do saber já conquistado é estancamento, que não há adiantamento sem mudança. Por falta de perspectiva, associamos as mudanças que, queiramos ou não, a vida impõe e também as que são necessárias para desenvolver nossa compreensão e dar sentido a nosso atuar, com rupturas trágicas no conceito que temos de nós mesmos e do que devemos fazer. Acreditamos preservar nossa identidade escudando-nos na negação do que não conhecemos e sustentando uma ideia do Divino e do espiritual que é uma projeção do mesmo estado de consciência que necessitamos transcender. Não só estamos num cárcere; não nos damos conta disso. Pelo contrário, confundimos os limites que nós mesmos nos impomos com defesas que nos protegem de qualquer mudança que possa alterar nossos esquemas. Buscar explicações para a angústia que isto nos produz dentro do mesmo esquema que a causa é não ter saída.

É certo que qualquer mudança não implica necessariamente desenvolvimento; mas também é certo que se não há mudança, o desenvolvimento é uma quimera. Necessitamos superar os limites do contexto em que nos encerramos; necessitamos desenvolver a atitude de *Querer Ousar* para que nosso desenvolvimento seja contínuo.

A segunda vertente começa, então, em *Querer Ousar* e nos impele a investigar e descobrir possibilidades que nos permitam manter nosso desenvolvimento.

No contexto espiritual, desenvolver-nos é ampliar nosso estado de consciência, e isso implica ajustar-nos à mudança, estar dispostos a passar da etapa de consolidar o que já somos à etapa de abrir novos campos de desenvolvimento: a *Querer Ousar*. Mesmo uma pequena expansão de nosso estado de consciência é, para nós, uma mudança fundamental que nos obriga a reavaliar e a compreender com uma nova perspectiva, aquilo que acreditávamos ter compreendido de forma definitiva.

O contexto do que não sabemos é tão imenso que nosso avanço no que conhecemos não parece diminuir sua magnitude. Por mais que adiantemos e aprendamos, em nossa condição atual nos mantemos frente ao que poderíamos chamar de Grande Constante do Desconhecido. E é precisamente esta Grande Constante o ímã que gera nosso desenvolvimento e nos impele a *Ousar*.

Nosso *Querer Ousar*, sem dúvida, parte do que nos permitiu chegar até este ponto. O adiantamento não consiste em jogar fora o que temos para agarrar-nos a outra coisa diferente, mas em transmutá-lo. O fato de vivermos abertos às mudanças que implicam avançar rumo ao que necessitamos aprender não invalida o conhecimento que possamos ter alcançado. Pelo contrário, valida-o dentro de seus limites, porque em vez de reduzir o desconhecido ao que acreditamos que sabemos dele, temos a ousadia de reconhecer a limitação do que acreditamos saber e de dar-lhe o valor relativo que lhe corresponde. É justamente esta ousadia o que nos permite apreciar o progresso que cada passo de nosso desenvolvimento implica e nos mantém alerta sobre o fato de que o desenvolvimento é um processo. Isto é, mantemo-nos conscientes de que o permanecer em *Saber Querer* converte-nos num obstáculo que não só impede a continuação de nosso adiantamento, mas que nos faz retroceder, porque deter-nos é colocar-nos em sentido contrário à corrente da vida.

O *Ousar* nos permite chegar a *Ousar Julgar*. A atitude de *Ousar* implica que nos atrevemos a desapegar-nos do saber que alcançamos e que, em assuntos espirituais, tendemos a crer que é um saber inamovível, definitivo. A ousadia de olhar de frente o que chamamos de Grande Constante do Desconhecido e a mudança contínua que é a vida, leva-nos a um juízo lógico: a renúncia, mais do que uma virtude a ser praticada, é a atitude necessária para responder à nossa vocação de desenvolvimento. Se pretendemos manter-nos conscientes do ritmo do devenir e não nos afastar da senda que o

desenvolvimento humano traça, a resposta inevitável é renunciar. Neste contexto renunciar implica *Ousar* reconhecer que cada vez que tendemos a identificar-nos com o passado e a esquecer a lição de que todo conhecimento e toda conquista são contingentes, desandamos o caminho e, em consequência, geramos ignorância e confusão.

Ousar Julgar é atrever-nos a encontrar novas relações entre ideias, experiências e acontecimentos que acreditávamos ter compreendido totalmente. É aceitar que os juízos são sempre relativos a um estado de consciência, e que a forma de ver a realidade, o que nos acontece e o que temos que fazer, deve-se atualizar ao compasso do tempo.

Ousar Julgar nos dá a visão necessária para não cair na mudança pela própria mudança, ou pelo fato de variar, ou para responder a motivações egoístas, mas para efetuar as mudanças que respondam à nossa necessidade de desenvolvimento.

Quando aprendemos a *Julgar* sem aferrar-nos a um passado já consumado, aprendemos a *Julgar* o que se deve *Esquecer*: *Esquecer* os juízos feitos para ter liberdade suficiente para discernir, compreender e responder às novas possibilidades e às necessidades próprias de cada momento de nosso desenvolvimento. E também *Esquecer* o anedótico e as vivências carregadas com emoção exacerbada para poder recolher o fruto do vivido: *Esquecer* agravos, que nasceram de juízos que respondiam a contextos muito limitados; *Esquecer* sofrimentos por perdas dolorosas, mas que são uma constante na vida; *Esquecer* rancores pelo que interpretávamos que a vida não nos deu ou nos tirou; *Esquecer* triunfos que resultaram de privilégios não merecidos; *Esquecer* os esquemas mentais que limitam nosso juízo acerca de quais são nossas possibilidades e o que temos que fazer para realizá-las.

Ousar Julgar que o que já não tem vigência deve-se *Esquecer* é reconhecer o devenir no eterno presente.

A atitude de renúncia nos dá liberdade para que o conteúdo do *Esquecer* alimente o *Transmutar*. Neste contexto, a atitude de renúncia é aquela que nos permite validar o aprendido, dimensioná-lo, fazê-lo experiência assimilada e compreensão mais ampla e profunda de nós mesmos e de nosso lugar no mundo, e desprender-nos de nossa história para poder dar o passo seguinte.

A atitude de renúncia nos leva a *Ousar* viver com liberdade interior; isto é:

Ousar nascer para um mundo novo com cada passo que damos no caminho de nosso desenvolvimento.

Ousar transmutar em obra o que conquistamos espiritualmente.

Ousar não nos apegar nem às conquistas espirituais nem às obras que elas geram.

Ousar amar com um amor tão profundo que possamos transmutar a dor e o gozo da experiência em alimento espiritual para nós e para todas as almas.

6. TRANSMUTAR

Transmutar é a chave que encerra o processo sintetizado nas nove primeiras palavras com que descrevemos o desenvolvimento espiritual.

O que implica *transmutar* para nós, em nossa situação atual?

Implica centrar nosso trabalho espiritual em identificar o enfoque personalista¹ com que vivemos e substituí-lo por uma consciência de participação universal.

¹ Personalista: que subordina o interesse comum a objetivos pessoais

O enfoque com que encaramos nosso ideal espiritual e, conseqüentemente, nossa vida, baseia-se sobre suposições prévias, a maioria das quais não é explícita para nós.

Uma suposição prévia, que geralmente se oculta por trás de nossas racionalizações, é a de que somos pessoas separadas e independentes das demais. Baseamo-nos mais em nossa percepção sensorial do que em nosso discernimento. Para nossos sentidos, somos separados: vemo-nos uns aos outros com limites definidos e características próprias. Além disso, não percebemos diretamente que o que o outro faz em sua casa influi sobre o que nós fazemos na nossa. Não sentimos que seja necessário antecipar sempre as conseqüências que nossas ações produzirão em outros e no meio. É assim que outorgamos a nós mesmos uma margem muito elástica de liberdade para decidir como viver, sentir e pensar. Quando temos um desejo veemente, esticamos ao máximo essa margem e supomos que podemos viver segundo nosso capricho no mundinho em que queiramos encerrar-nos. Ainda que intelectualmente admitamos a influência que exercemos sobre os outros e o meio, nossos impulsos e desejos particulares fazem com que, na prática, prepondere a suposição – implícita em nossas atitudes habituais – de que temos uma vida à parte e, por isso, independente.

Esta tendência se expressa também em nosso trabalho espiritual. Sentir-nos separados nos leva a focar nosso desenvolvimento e o adiantamento humano de forma personalista. Importamos, sobremaneira, quanto benefício pessoal conseguimos com o que fazemos, e medimos nosso adiantamento segundo vamos alcançando nossas metas particulares; definitivamente, nossa felicidade pessoal. Reduzimos nosso trabalho espiritual ao que pensamos que temos que fazer para conseguir um triunfo espiritual próprio. Em conseqüência, centramos nossa intenção e atenção a tal ponto sobre nós mesmos, que a importância que atribuímos ao que ocorre ao nosso redor depende de como afete a nós mesmos e ao que nos interessa.

Apesar de que a informação que já temos nos dê uma visão grandiosa do universo na qual cada parte opera em harmonia com todas as demais, vivemos atentando contra nossa própria sobrevivência: agrupamo-nos por conveniência e mantemos lutas competitivas para conseguir preponderância dentro de nosso grupo e preponderância deste sobre os demais grupos, apenas atenuadas pela intenção, mais teórica do que prática, de procurar o bem de todos.

Se bem que estejamos capacitados para discernir os efeitos que produzimos nos demais e no meio, através de nossas atitudes e ações, escolhemos quando observar e quando ignorar esses efeitos. E, quando os observamos, nós os interpretamos e atribuímos responsabilidades segundo nossa conveniência.

Como impulsionar o processo de transmutação do enfoque personalista num enfoque mais universal, que expanda nosso estado de consciência?

Através da ação.

A ação se baseia sobre uma filosofia de vida e se expressa numa conduta.

Nossa filosofia de vida parte do reconhecimento de que cada ação nossa é sempre uma interação múltipla que gera inumeráveis interações através das incontáveis linhas da rede da vida. Somos em participação e aplicamos essa consciência a um trabalho interior sobre a atitude e a intenção:

Trabalhamos de forma integrada em função do bem comum.

Aplicamos à nossa conduta nossa consciência de participar num sistema de interações múltiplas:

Trabalhamos em equipe.

Dizemos “trabalhamos” porque somos seres operativos. Atuamos tanto ao fazer como ao sentir e pensar. E toda ação implica trabalho.

O trabalho integrado é uma forma de relacionar-nos e de viver.

O trabalho integrado e em equipe não é só uma forma de trabalhar, mas é, especialmente, uma forma de relacionar-nos e de viver.

Com um enfoque personalista entenderíamos a participação como tomar parte em algo; em nosso caso particular, nós a entenderíamos como a decisão de integrar-nos a uma ação conjunta. Por um lado, esta decisão implicaria nossa intenção de colaborar; mas, por outro, manteríamos nossa percepção de que somos seres separados, com interesses particulares, e avaliaríamos a cada passo os benefícios que recebemos do grupo com o qual decidimos colaborar.

Com um enfoque mais amplo, participar é sentir e saber que somos parte inseparável de tudo o que existe, e atuar de forma consequente. À medida que consigamos sentir, saber e atuar desta maneira, poderemos transmutar nossa noção de ser separados numa consciência de participação universal.

O trabalho integrado e em equipe é um aspecto da relação que nos ajuda a conseguir esta participação: move-nos a transmutar a relação personalista – baseada na competição interesseira e separatista, com suas frequentes discussões agressivas e críticas ferinas – numa relação integradora com significado compartilhado.

Todas as ações produzem consequências que nos afetam, tanto a nós como a todo o conjunto. Deste ponto de vista, todas as mensagens implícitas em nossas ações chegam a nós; mas nem sempre as percebemos ou sabemos interpretá-las. É por isso que é difícil para nós compartilhar significado. Por um lado, não somos conscientes de todas as mensagens que damos e das que recebemos; por outro, devido a nosso sistema de defesa e reação, costumamos desvirtuar o significado das mensagens que recebemos, mesmo das explícitas. Só em momentos de grande empatia nos abrimos a uma compreensão profunda. Para aprender a compartilhar significado, temos que começar por trabalhar de forma integrada e em equipe.

Neste contexto, o termo “significado” transcende o conteúdo intelectual das mensagens; abarca cada indivíduo e a totalidade dos indivíduos, pois a vida de cada um, e também a do conjunto, são mensagens com significado.

O processo de compartilhar significado de forma deliberada vai desde validar ideias de outros até incorporar todos e o mundo em que vivemos na noção que temos de nós mesmos.

Nossa consciência se nutre do significado que apreende através da interação. Cada estímulo que recebemos contém um significado para nossa consciência. De nossa capacidade para apreender significado depende o ritmo de expansão de nossa consciência.

Para estimular o desenvolvimento de uma consciência universal, a reunião de almas de Cafh se expressa em grupos de Filhos e de Filhas. Estes grupos refletem – sem dúvida de forma incompleta e em muito pequena escala – a diversidade de características, antecedentes e interesses que se encontra na sociedade humana. À medida que o grupo consiga relacionar-se de forma integrada e trabalhe como equipe, e que cada grupo se relacione e trabalhe dessa maneira com os outros grupos, poderemos ir superando a separatividade, a competição interesseira e a tendência a preocupar-nos só com nós mesmos e ocupar-nos só de nós mesmos, que tanto atenta contra nosso desenvolvimento. E à medida que não façamos diferença entre integrar este grupo ou aquele, iremos superando nossa tendência a formar grupos à parte.

Apliquemos o mesmo critério a nosso conceito de realização espiritual. Em vez de buscar uma liberação espiritual particular e pessoal, movidos pelo desejo subjacente de escapar da dor de viver num mundo no qual, em nossa condição atual, o sofrimento é inevitável, demo-nos conta de que a senda rumo à liberação passa através da participação.

Enamoremo-nos da liberdade que nos dá superar os limites nos quais nos encerra a ignorância que alimentamos com nosso egoísmo. Reconheçamos a inter-relação da grande trama da vida e impulsionemos nossa noção de ser pelas linhas de sua rede. Reconheçamos a necessidade de atuar de forma ajustada, procurando sempre o bem comum, que sempre será nosso próprio bem.

Encaremos nosso desenvolvimento como um processo de transmutação de consciência em ato, e de ato em consciência, de acordo com o antigo aforismo: “fazer da mente, matéria e da matéria, mente”. A experiência se derrama em ação e a ação devém em experiência; a experiência da ação amplia o estado de consciência; este se expressa em ação, e assim sucessivamente.

Transmutemos, então, nosso sentido de participação em trabalho integrado e em equipe, e o trabalho integrado e em equipe numa consciência de participação.

Começemos por mudar nossas reações automáticas por uma forma de agir deliberada que se expresse em:

- Validar em vez de desqualificar
- Cooperar em vez de rivalizar
- Compreender em vez de discutir
- Ajudar em vez de repreender e aborrecer-se
- Incorporar em vez de excluir ou excluir-se
- Ampliar o ponto de vista em vez de entrincheirar-se

Quando transformarmos em hábito estas respostas deliberadas, teremos começado a transmutá-las em significado compartilhado. O compartilhar significado nos dará compreensões mais profundas da renúncia e nos abrirá o caminho rumo à consciência de ser em participação.

Completar esta transmutação é a realização espiritual imediata que podemos alcançar, um bem que é indispensável que doemos à humanidade nesta etapa de seu desenvolvimento.

Façamos nossa contribuição, então, para que todos cheguemos a interagir de forma ajustada e todos alcancemos um estado de participação mais universal. Seus frutos serão paz, progresso e felicidade.